

O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro

Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

O V Aniversário do Sindicato

No próximo dia 28 do corrente, perfaz cinco anos de existência o nosso Sindicato Nacional.

É uma data evocativa das agruras que a classe sofreu no passado, naquêl remoto tempo em que a profissão se exercia miseravelmente ao sabor da vontade tirana de gente pouco sensível, a contrastar com a presente, em que a classe usufrue direitos, gosando de regalias, dentre as quais salientaremos a de uma distribuição imparcial e honesta do trabalho, em condições que não custam humilhações.

Cinco anos passados a lutar pelo aperfeiçoamento de uma classe e sempre a bem dela, trabalhando denodadamente pelo associado e para o associado, colaborando, como lhe cumpre, na edificação da Grande Obra, cuja defesa a todos é comum — eis o que tem sido a acção deste nosso Sindicato Nacional.

Cinco anos! Parece que foi ontem, quando a colectividade era apenas uma indecisa e nebulosa aspiração de uns poucos, carecendo de tudo, sem nada de valioso além da vontade férrea dêsse grupo de entusiastas!

Quanto caminho andado, quanta conquista obtida, graças à Revolução Nacional — não o esqueçamos, e devidas à acção persistente de um homem: Salazar.

A direcção, a exemplo do que se tem feito nos anos anteriores, e desta vez com mais vontade porque se encontra em terra grande parte dos associados, resolveu organizar uma festa comemorativa da passagem do 5.º aniversário, iniciando já o estudo do programa, que será directamente comunicado aos sócios, logo que esteja completo.

Reforma de Serviços

No nosso último número focámos com algum desenvolvimento, o problema do pessoal de assistência ao emigrante, sob o aspecto da sua valorização profissional.

Pretendemos com aquêl artigo demonstrar a quem de direito, que o profissional de assistência ao emigrante é um trabalhador marítimo com largas responsabilidades morais, e acabámos por concluir:

a) — Na necessidade do seu aperfeiçoamento profissional;

b) — Na urgência de fixar em bases definitivas as condições em que se admitirão novos profissionais;

Com a aplicação da primeira alínea se obteria um melhoramento sensível do valor profissional dos actuais componentes dos quadros.

Com a segunda alínea se pretende, num espírito de previsão que as circunstâncias actuais impõem, formar um núcleo profissional à altura da importância da profissão, pondo a todos (Sindicato, agências, médicos, inspectores, e dirigentes do serviço) a coberto das desagradáveis e deploráveis emergências que ao presente se verificam.

O problema dos serviços de assistência ao emigrante é vasto e profundo mas não tanto que se torne difícil resolvê-lo.

Sabido que a assistência se presta directamente por intermédio de um núcleo de indivíduos actuando junto do emigrante consoante as suas profissões, tudo se resolve obtendo dêsses indivíduos um rendimento de trabalho adquadro e rigorosamente enquadrado no instrumento regulamentativo a elaborar.

É, pois, êsse regulamento a primeira coisa a fazer e depois procurar adaptar às suas prescrições os pretendentes a profissional.

Entretanto — como tal documento precisa de longo estudo forçadamente demorado, pois em matéria de assistência ao emigrante tudo está por fazer, e o que está feito carece de inteira reforma, — justo é que se vão fixando e adoptando superiormente, algumas regras que na ocasião oportuna nos não coloquem numa situação mais desagradável do que a actual.

Essas regras serão os requisitos que devem possuir os futuros empregados de assistência ao emigrante, e que podem sintetizar-se assim:

Para enfermeiros:

- Cédula marítima;
- Licença militar: (sendo homem);
- Diploma oficial do curso;

(Continua na 3.ª pag.)

BARRA FORA...

A velha questão dos «velhos»

Continua sem solução a pretendida reforma dos sócios «velhos» que se arrastam penosamente trabalhando, cumprindo mal, que mais não permite suas cansadas forças, exaustas numa labuta no mar de algumas dezenas de anos.

O processo, informado, estudado, e devidamente documentado, até mesmo com verba destinada encontra-se pendente, crêmos que no Ministério do Interior, pelo que apelamos para o ilustre titular daquêl ministério para a sua resolução.

Emigração

para o Brasil

O Diário de Notícias de 16 do mês passado insere um telegrama do Rio de Janeiro, em que uma alta individualidade pediu ao governo brasileiro que à emigração portuguesa fôsse dada preferência sobre qualquer outra.

Por outras fontes sabemos que no início do próximo ano vai ser intensificada a emigração, tudo levando a crer que muito proximamente os velhos e desconfortantes far-se-hão com maior número de associados, dando rápida saída às escalas de trabalho que vão acusando um aglomeramento que a manter-se traria dificuldades, que esperamos não apareçam.

Frota brasileira

Lêmos na revista Neptuno que o Lloyd Brasileiro, está activando a substituição da sua frota marítima, por novas unidades mais rápidas e confortáveis, desaparecendo os velhos e desconfortantes navios que traz na carreira Lisboa-Brasil.

Quando êsses navios entrarem ao serviço, é possível que a emigração portuguesa, agora afastada dos brasileiros pelo péssimo tratamento e desconforto que oferecem, voltem a preferi-los.

E, entretanto, nós lembraremos que a navegação brasileira está isenta de matricular pessoal de assistência, isenção que se não explica de forma alguma de há uns cinco anos para cá, e que é urgente revogá-la, não vá mais tarde trazer complicações maiores.

Temas oportunos

Falamos, hoje em deveres, e começamos por dizer quais eles são nas diversas especialidades que da nossa profissão fazem parte expondo apenas a nossa opinião pessoal que a experiência e o estudo nos convence ser verdadeiro, começando pelos enfermeiros.

O enfermeiro pode ser um bom profissional, e não cumprir com os seus deveres, inteiramente. Nem só aquêle que sabe fazer uma ligadura ou um penso sabe cumprir com a sua obrigação. O bom enfermeiro é aquêle camarada tolerante e amigo, que sabe dar um conselho a outro, que explica ao emigrante a higiene da limpeza para bem da sua saúde e tudo o mais que lhe deve indicar para bem do mesmo; o mau enfermeiro é aquêle que só anda no meio dos colegas da equipe ouvindo d'êste e contar daquêle, batendo à porta do camarote do médico para lhe contar tôdas as novidades, muitas vezes já deturpadas, e menos verdadeiras...

Esse que assim procede, não é bom camarada.

O ajudante de enfermagem dos dois sexos, é logicamente o auxiliar do enfermeiro ou enfermeira, e como tal compete-lhe estar subordinado a êste segundo o meu critério, competindo-lhe não só o ir buscar as dietas para os doentes, como fazer a limpeza das enfermarias e farmácia. Muitas vezes o ajudante entende que não havendo doentes nada tem que limpar, daí resultando, com raras exceções, serem mal vistos pelos seus colegas da mesma profissão da nacionalidade do navio, responsabilidade a têm os srs. médicos inspectores, que lhes mandam fazer os tratamentos que as enfermeiras deviam de fazer, e não fazem, algumas por falta de competência, diga-se em abono da verdade e muito embora pareça à primeira vista que não tem importância êste facto, dêle tem resultado alguns actos de indisciplina, e mais haverão senão se arripar caminho, e cada um cumpra com o seu dever.

Passaremos agora aos creados dos quais também fazemos parte: são estes profissionais aquêles que mais lidam com o passageiro, pois nem todos os que viajam em 3.ª classe se podem considerar emigrantes, pois há entre elles proprietários, caixeiros viajantes, comerciantes, e outras categorias. É necessário que a creado os saiba servir para bem cumprir o seu lugar.

Está a maioria dos creados

de assistência aos emigrantes apta a bem cumprir os seus deveres? Quasi iamoz dizer que não.

Não é só serviço da mesa e limpeza de camarotes que é a obrigação dum creado, e também nas entradas e saídas dos portos, receber e acompanhar os emigrantes, ajudá-los a transportar a sua bagagem, orientá-los indicando-lhe os seus alojamentos, quantos fazem isso, poucos ou nenhuns! Pois é êsse um dever da nossa profissão.

Também temos os nossos direitos, tais como um alojamento, limpo higiénico, para descansarmos o corpo depois dum dia de trabalho.

Se dos creados passarmos às creadas, isso então é um caso mais sério. A maioria delas nunca soube qual a missão que lhe compete desempenhar a bordo, pois que não estando determinado concretamente quais os deveres da creada dos serviços de assistência, varia a obrigação conforme o navio e os dirigentes de bordo.

Nos barcos alemães raro fazem outro trabalho que é uma pequena limpeza da parte da manhã e lavarem os copos ás horas das refeições.

Nos barcos ingleses e franceses, estes principalmente, sobrecarregam-nas com trabalho muitas vezes superior ás suas posses, mandando-as lavar loiça a um tanque dentro duma pequena copa, num pequeno espaço e onde o termometro chega a marcar 42 graus de calor, estando horas seguidas nesse cubículo lavando mais de mil pratos a cada refeição. É trabalho demasiado para uma mulher.

A experiência que temos do serviço aconselha-nos que à creada lhe é dado, fazer todos os trabalhos que digam respeito a senhoras e creanças, tais como tratar da limpeza dos alojamentos das mesmas servir leite e a comida especial que há em todos os barcos só própria para creanças, mas que os filhos dos nossos emigrantes nunca comem por não terem quem lha sirva na hora própria, e depois disso lavarem então os copos, depois das refeições dos emigrantes.

Tôdas estas ordens deviam partir de quem pode e tem autoridade para dar ordens a bordo, pois só assim elas seriam cumpridas.

Dissemos alguma coisa sobre os deveres do pessoal de assistência mais tarde o diremos sobre os direitos que deviam ter e não têm.

Bernardino dos Santos

A Secção do Funchal A unificação da classe

Os dias arrastam-se e quanto à resolução do assunto da nossa secção do Funchal, nada.

Há na realidade uma certeza, a qual até certo ponto justifica esta paragem: a ausência de emigração para Curaçao.

É este na verdade o único obice que nos impede de tomar, resoluções.

Entretanto, em todo êste embroglio há uma atitude a focar devidamente: a da agência Freitas Martins.

Esta firma tem andado positivamente a brincar ás escondidas connosco.

A resposta da sede da Companhia que representa, segundo Freitas Martins ainda não chegou, mas sabemos que ela já está no Funchal.

A quando da entrega do projecto do acôrdo de trabalho feita pelo nosso enviado ao Funchal, o Sr. José Freitas Martins filho, aceitou-o em princípio, pondo-lhe algumas objecções que seriam discutidas mais tarde.

Agora discute tudo, nega tudo e outras coisas mais...

Só nos resta vêr que a emigração para Curaçao volte a aparecer de surpresa, aproveitando ausências de diversas individualidades para o jogo ser feito mais à vontade...

Nada nos admira, e nada têm de admirar-se o sr. Freitas Martins destas palavras e de outras que se seguirão...

Até ao próximo número.

Sob êste titulo publicou o nosso camarada Bernardino dos Santos um interessante artigo no último número d'êste jornal. Nêle se queixava, e com justiça, do alheamento a que os camaradas do Porto se remetiam no momentoso caso da fusão do seu sindicato com o seu congénere de Lisboa. Tal omissão — como muito bem diz o Sr. Bernardino dos Santos — deve ser levada à conta de acanhamento próprio de quem nunca se dirigiu à imprensa, e talvez, de simples comodismo, falta de que, publicamente, aqui me penitencio.

Atravéz da leitura de alguns artigos sobre o assunto, é minha opinião de que os nossos sindicatos de Lisboa e Porto se devem fundir, a-fim-de que, com um trabalho bem equilibrado e forte, os filiados possam colher os frutos das suas dedicações e canseiras. Unindo-nos, implicitamente desaparecerão as dificuldades de hoje e o futuro aparecer-nos-á com todos os beneficios resultantes daquela união.

Voltarei mais vezes ás columnas d'êste jornal, e, agora que expuz o que pensava sobre o assunto, espero que os nossos camaradas do Porto nos transmitam o seu parecer, pró ou contra à ideia da fusão dos dois sindicatos.

Tomé Fernandes Enes
do Sindicato do Porto

Escala de Vapores

durante o mês de Dezembro de 1938

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais	
4	— General S. Martim	Rocha	Toca no Porto
6	— Groix	Alcantara	Toca no Porto
7	— Monte Olivia	Alcantara	
13	— Almanzora	Alcantara	
14	— Cap Norte	Alcantara	
14	— Roma	Rocha	
19	— Hilari	Rocha	Toca no Porto
20	— Higland Brigade	Alcantara	
21	— General Artigas	Alcantara	Toca no Porto
23	— Lipari	Alcantara	Toca no Porto
28	— Monte Pascal	Rocha	
30	— Asturias	Alcantara	

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
1	— Hilary	Rocha
2	— General Artigas	Rocha
2	— Asturias	Alcantara
4	— Vulcânia	Alcantara
7	— Aurigny	Rocha
9	— Monte Pascal	Rocha
11	— Higland Monarch	Alcantara
15	— Antonio Delfino	Rocha
16	— Alcantara	Alcantara
18	— Massilia	Rocha
18	— Formose	Rocha
19	— Anselm	Alcantara
23	— Madrid	Rocha
29	— General Osório	Rocha

A Caixa de Auxílio Reforma de serviços

Um alvitre

A 14 de Novembro completou 4 anos de existência

(Continuação da 1.ª pág.)

A Caixa de Auxílio, foi uma feliz iniciativa de há quatro anos, uma organização que ainda não prestou mais do que uma leve amostra do que pode vir a ser no futuro.

Fundada logo após a isenção do pagamento do imposto do desemprêgo concedida em 26 10 1934, a Caixa de Auxílio, tem capitalizado nesses quatro anos uma verba que ascende em fins de Outubro a 48.658\$24!

E' a mais segura garantia do seu futuro e a melhor razão da sua fundação.

A primeira cota para Caixa de Auxílio passou-se em 14 de Novembro de 1934.

Iniciados os seus trabalhos sob a direcção autónoma de corpos gerentes eleitos especialmente, logo após um ano se verificou ser mais prático confiar a sua administração à direcção do Sindicato.

A acção da Caixa de Auxílio tem sido fraca, porque o seu regulamento não permite usar mais largo desenvolvimento em matéria de subsídios.

E não permite porque ele foi elaborado exactamente no sentido de permitir uma capitalização, que permitisse mais tarde, depois de constituído um capital-reserva mais avultado, entrar num período de mais largo e eficiente auxílio.

Não se concebia, pois, um regulamento que permitisse largos subsídios quando no dia em que ele entrou em vigor havia em caixa umas centenas de escudos.

Todavia a Caixa tem distribuído perto de 10 contos de subsídios de doença desde a sua fundação divididos pelos seguintes anos:

1936	1.741\$00
1937	4.036\$50
1938 (Out.)	3.014\$50

e em subsídio de funeral:

1936	900\$00
1937	900\$00
1938	1.200\$00

O que não há dúvida é que a Caixa de Auxílio precisa ser remodelada e que os capitais que possui permitem entrar com mais decisão numa modalidade mais activa de auxílio.

Qual será ela?

É assunto para mais profundo estudo, o qual não cabe nesta notícia que apenas serve para recordar aos leitores uma data — a da fundação da Caixa de Auxílio.

Certificado provando que exerceu a profissão pelo menos durante 2 anos em terra, ou de preferência a bordo;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 35 anos.

Para ajudantes de enfermagem:

Cédula marítima;

Licença militar (sendo homem);

Certificado provando ter trabalhado em consultórios ou enfermarias, pelo menos durante 2 anos;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 35 anos.

Além da prova documental careciam de uma prova prática, na presença de um júri composto por um dirigente dos serviços, pelo inspector médico e por um delegado da direcção do Sindicato.

Para criados:

Cédula marítima;

Licença militar (sendo homem);

Certificado das casas onde serviu, sendo preferidos os da navegação nacional filiados no respectivo sindicato;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 35 anos.

Para a admissão teriam de prestar provas práticas de competência profissional, perante um júri constituído como acima se indica para os enfermeiros e ajudantes.

Para cozinheiros:

Cédula marítima;

Licença militar;

Carta de exame da Capitania, com classificação nunca inferior a cozinheiro de 2.ª;

Certificado dos navios ou casas onde trabalhou;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 40 anos.

Condições comuns:

Saber ler e escrever e exame médico.

Aos que maior número de viagens tivessem feito sempre com nota de «muito bom» comportamento moral; aos que falassem francês, inglês ou alemão, seria dada preferência.

Ha ainda uma condição de primacial importância, sem a qual estas prescrições ficariam incompletas e que seria a de considerar temporária a admissão durante um período de, pelo menos, um ano, tempo que se tornaria suficiente para apurar se os novos profissionais satisfaziam os requisitos de idoneidade moral e de aclimação indispensáveis.

Findo ele entrariam definitivamente nos quadros efectivos, ou seriam rejeitados.

Antes, porém, poderia compensar-se alguns dos profissionais actuais, permitindo-lhes um acesso que reputamos justo, como compensação de mais de uma dezena de anos de trabalho nos serviços de assistência, consistindo na subida de ajudantes de enfermagem a enfermeiros, e de criados a ajudantes de enfermagem, mediante exame.

Eis em síntese as condições que a experiência nos dita como necessárias e imprescindíveis, para a admissão dos novos profissionais.

Poderiam ser já adoptadas superiormente, o que era já uma garantia de que a classe dos empregados da assistência se transformaria num valoroso núcleo de trabalhadores.

O Natal dos nossos pobres

Permitam-me os meus colegas que eu pela primeira vez venha para as colunas de *O Assistente* expôr um alvitre que suponho todos patrocinem.

Pensei nêle na última viagem que fiz, madura e repetidamente e porque o acho plausível, aqui o trago à apreciação de todos para que o secundem junto da direcção, que é quem, em última análise, tem que resolver.

O Natal aproxima-se e eu que conheço bem a vida de muitos colegas, lembrei-me que muitos dos nossos há para quem o Natal será uma quadra, não festiva, mas uma quadra de dôr.

Eu sei que há colegas em precário estado, motivado por doenças ou por outras circunstâncias, e o Natal para esses será bem triste, e nós temos que os socorrer para que o seu Natal não seja tão negro.

Mas nós, do nosso bolso, também, infelizmente não estamos em condições de socorrê-los, de auxiliá-los, e então?

Então aqui fica o alvitre:

A direcção procuraria averiguar quais os associados mais necessitados, mas necessitados verdadeiramente, e distribuiriam por eles na véspera do Natal um auxílio constituído em géneros do valor de 50\$00.

Para fazer face a esta despesa, já que nós não a podemos fazer particularmente, alvitro que fôsse a Caixa de Auxílio que fizesse essa despesa, pois como é de Auxílio deve auxiliar nesta quadra os que precisam.

Parece-me que a minha ideia merecerá a aprovação de todos, pelo que agradeço áquelles que com ela concordarem o favor de comunicarem à direcção, a quem vou mandar uma proposta neste sentido.

Está próximo o Natal, e já que ele não pode ser para nós uma quadra de felicidade, vamos, ao menos tentar que ele seja para aquelles colegas mais precisados, igual ao nosso.

António Marques Sousa.

AVISO

Aos associados

A fim de serem apostas nas fichas cadastrais para o biénio de 1939/1940, devem todos os associados entregar na secretaria do Sindicato com a maior urgência, uma fotografia tão actualizada quanto possível.

UMA OBRA GRANDIOSA

Um Sindicato modelo

Há no Funchal uma organização sindical, que é exemplo do grau de desenvolvimento que pode atingir uma classe, produto eloquente do que se pode conseguir da organização corporativa, quando os homens e as instituições se dispõem a dar-lhes o seu auxílio.

Trata-se do Sindicato Nacional dos Estivadores, Carregadores e Descarregadores Marítimos do Distrito do Funchal, organização composta de cerca de 300 associados.

É qualquer coisa de bom, que nos surpreende, agradavelmente, causando-nos funda admiração, essa obra formidável, pelo que ela representa de esforço e tenacidade, convencendo a todos de que muito pode o homem quando quer ser útil ao seu semelhante.

Graças à amabilidade do Sr. João Teixeira, delegado daquele Sindicato, o impulsor daquela obra, e seu principal realizador, o autor destas linhas, tomou conhecimento dela em todos os seus pormenores.

O Sindicato encontra-se instalado na Rua de Santa Maria, 73, uma rua fronteira ao mar, num edifício de rés do chão e quatro andares, que não é ainda propriedade do Sindicato, mas que é inteiramente ocupado por elle.

A Cantina

Comecemos a visita pelo rés do chão, onde está instalada a cantina e armazém de viveres, apetrechada de todos os géneros. Ao balcão as famílias dos sócios são aviadas por dois caixeiros. O sócio abastece-se de todos os artigos de mercearia, a preços de revenda e de superior qualidade.

Subámos ao primeiro andar, por uma escada ampla, e encontramos o

Posto médico

Frete ao patamar há uma sala de visitas que dá para o gabinete da direcção e posto médico. Entremos nele. Com o máximo asseio e ordem, prevalecendo o branco, encontramos uma moderna marquezia desmontável, um lavatório hospitalar com ligações directas aos frascos que contém desinfectantes, água simples e filtrada.



A direcção reunida, vendo-se ao lado o delegado Sr. João Teixeira

Ao meio a secretária do médico, branca de neve, com tampo de vidro e à esquerda um amplo armário com material cirúrgico, pensos, toalhas, etc.

Neste posto se fazem todos os pequenos tratamentos a sócios e famílias, para o que existe uma enfermeira permanentemente. O médico privativo comparece diariamente para consultas e tratamentos de mais importância.

O gabinete da direcção

Saiámos do posto médico e entremos no gabinete da direcção, espaçoso compartimento, que tem contígua uma sala de espera com maples, telefonia, etc.

O gosto e o conforto deste gabinete impõe-se. Mesa de reuniões, secretária do delegado, mesa de máquina, estantes, etc., etc.

A Secretaria

Voltemos ao patamar, saindo a porta da sala de espera, e damos de frente com a secretaria, onde se alinham três secretárias, estante, cofre, máquina de calcular, etc.

Três empregados desenvolvem uma actividade prodigiosa.

É sabado, e o pagamento das férias faz-se rapidamente, pois é o Sindicato que vai receber pelas agências o serviço prestado pelo pessoal e o paga aos associados, deduzido das cõtas, cantina e outros.

Ainda no primeiro andar, há um pequeno corredor que conduz a um jardim, onde os sócios repousam, à sombra de uma parreira monstro, as delicias do clima da Madeira, enquanto esperam a sua vez do recebimento da fêria.

Barbearia

No segundo andar encontramos uma barbearia, com três cadeiras, grandes espelhos, tudo moderno. Há três empregados que não têm mãos a medir.

O sócio é servido e o custo da barba e corte de cabelo, tambem lhes é descontado no fim do mês.

Dormitórios

Também o Sindicato tem dormitórios para os associados que trabalhando de noite, não possam regressar a sua casa por ser longe. Lá encontram dois dormitórios, um no segundo andar e outro no terceiro, no total de 25 camas tôdas de uma alvura que surpreende, desde os lençóis, coberta, travesseiros, etc.

A Sala das Sessões

Passamos à sala das sessões que comporta duas centenas de lugares, com quatro janelas, decorada com os retratos das individualidades que ao Sindicato têm dado colaboração.

Enfermaria

Subindo ao terceiro pavimento entramos na enfermaria, uma sala ampla com quatro camas. Muito sol, muito asseio. Nessa enfermaria ficam os associados doentes, sob a vigilância da enfermeira e do médico, e companhia permanente dos colegas, alimentados e medicados por conta do Sindicato, sem prejuizo do recebimento da sua fêria, que lhe é paga integralmente pelo fundo de doença.

Escola

No mesmo pavimento se encontra uma aula para instrução primária, com todo o material didáctico, regida por um professor. De dia a aula destina-se aos filhos dos sócios, que a frequentam em número de 30, e de noite é para os associados.

Grupo desportivo

Como não só de pão vive o homem, o Sindicato também quis proporcionar aos associados o recreio do espírito e o desenvolvimento físico com a criação duma secção desportiva. Lá a encontramos instalada numa sala, com algumas taças ganhadas em competições pelos associados, equipas arrumadas, com uma ordem inexcédível.

Nota final

Outras regalias dá ainda o Sindicato. No quarto pavimento onde se encontra instalado o contínuo e guarda da noite, com sua família, há uma sala que é officina de fardamento. Todos os fatos de ganja de trabalho, de um modelo único, são confeccionados no Sindicato e fornecidos aos sócios a preços do custo.

Quando da nossa visita, estava em laboração a officina, onde há duas máquinas de coser e duas costureiras, e trabalhava-se na confecção de capas de oleado, que vão ser fornecidas a todos os sócios.

O Sindicato dispõe tambem de uma Caixa de Previdencia, que fornece auxilio na doença e reforma de invalidez.

Eis a traços rápidos, o que o Sindicato dos Estivadores e Descarregadores do Funchal é, uma obra modelar, como não conhecemos outra no País.